

Memória e decolonialidade na poética de Conceição Evaristo¹

Memoria y decolonialidad en la poética de Conceição Evaristo

Memory and decoloniality in Conceição Evaristo's poetry

Ernani Hermes²

Resumo

A Literatura Brasileira contemporânea constitui-se como um campo discursivo plural e heterogêneo do qual emergem vozes subalternizadas historicamente pelo poder colonial. Nesse cenário, destaca-se a obra de Conceição Evaristo que, em seu fazer literário, vocaliza as vivências da mulher negra periférica projetada como “escrevivência”, isto é, a articulação da experiência vivida pela escritora e o seu grupo social na escrita literária. Ao partir desse contexto, tomo como objeto de estudo alguns poemas de Conceição, “Recordar é preciso”, “Vozes-mulheres” e “Certidão de óbito”, reunidos no livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017). Para a análise, objetivo investigar as figurações da memória operadas pelo eu-lírico no resgate da matéria vivida e entender esse processo à luz da decolonialidade. Desse modo, procuro base teórica sobre memória em Paul Ricoeur; ainda, para tratar da decolonialidade, recorro a Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Edward Said.

Palavras-Chave: Memória; Decolonialidade; Literatura Brasileira contemporânea; Conceição Evaristo.

Resumen

La Literatura Brasileña contemporánea se constituye como un campo discursivo plural y heterogéneo del cual emergen voces históricamente subordinadas por el poder colonial. En este escenario, destaca la obra de Conceição Evaristo, que, en su obra literaria, vocaliza las experiencias de la mujer negra periférica proyectada como "escrevivência", es decir, la articulación de la experiencia vivida por la escritora y su grupo social en la escritura literaria. A partir de este contexto, tomo como tema de estudio algunos poemas de Conceição, "Recordar é preciso", "Vozes-mulheres" y "Atestado de óbito", reunidos en el libro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017). Para el análisis, mi objetivo es investigar las figuraciones de la memoria operada por el yo lírico en el rescate de la materia vivida y entender este proceso a la luz de la decolonialidad. De esta manera, busco una base teórica sobre la memoria en Paul Ricoeur; aun así, para lidiar con la decolonialidad, me dirijo a Walter Mignolo, Aníbal Quijano y Edward Said.

Palabras- clave: Memoria; Decolonialidad; Literatura Brasileña contemporánea; Conceição Evaristo.

Abstract

The Brazilian Contemporary Literature is constituted as a plural and heterogeneous discursive field from which emerge voices historically subalternized by the colonial power. Given this context, the work of Conceição Evaristo stands out, she, in her literary creation, vocalize the experiences of black peripheral woman projected as *escrevivência*, that is, the conjoin of the experience lived by the writer and her social group in the literary writing. From this context, I chose as study object some poems by Conceição, “Recordar é preciso”, “Vozes-mulheres”,

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Graduação em Letras – Inglês; Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões; Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, Brasil; ernani.hermes@gmail.com.

and “Certidão de óbito”, joint in the book *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017). To the analysis, I aim at investigating the memory figuration made by the lyric-self in the rescuing of the of the lived experience and understand this process in the light of the decoloniality. Therefore, I search for a theoretical framework about memory in Paul Ricoeur; also, to talk about decoloniality, I appeal to Walter Dignolo, Aníbal Quijano, and Edward Said.

Keywords: Memory; Decoloniality; Brazilian Contemporary Literature; Conceição Evaristo.

“A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ninar os da casa-grande e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.”

– Conceição Evaristo

1. Introdução

A Literatura Brasileira contemporânea é caracterizada pelas vozes históricas e sociais que emergem da sua poética. Esse resgate de discursos converge o olhar para questões históricas ainda abertas que ecoam na atualidade. Nesse rol situa-se a ferida aberta da escravidão no Brasil, sustentada pelas estruturas de poder que ainda operam em uma lógica colonial, que molda o cenário contemporâneo marcado pelo racismo, a opressão racial, o genocídio da comunidade negra e a manutenção das dinâmicas sociais de subalternização.

Ilse M. R. Vivian (2019) assinala que essas novas perspectivas que se revelam na literatura atual dialogam com um projeto de decolonialidade. Nesse processo o fazer literário é articulado à memória e às construções de identidade, em uma investida de desconstruir as imagens do passado e do ser erigidas pelo discurso colonial. Desse modo, trazendo ao centro da criação literária essas vozes subalternizadas pelos processos históricos e, desse modo, problematizando as formas de representação do passado e do sujeito.

É por esse viés que o projeto ficcional de Conceição Evaristo é estruturado, ao colocar no centro da sua poética a voz da mulher negra subalternizada, propõe um diálogo entre as agruras do presente com as cicatrizes do passado. Sua obra transita por gêneros distintos: ensaio, poema, conto e romance. Neste último, destaca-se por *Ponciá Vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006). Os livros *Insubmissas lágrimas de mulheres* (2001), *Olhos d'água* (2014) e *Histórias de leves enganos e parecenças* (2016) reúnem os contos da autora. Seus poemas encontram-se no livro *Poemas de recordação e outros movimentos*, publicado em 2017. Ademais, possui ensaios teóricos sobre literatura afro-brasileira publicados em diversas antologias.

Concentro-me, então, na análise de alguns poemas da autora, do livro *Poemas de recordação e outros movimentos* (2017), “Recordar é preciso”, “Vozes-mulheres” e “Certidão de óbito”. Por meio dos objetos escolhidos, objetivo discutir as figurações da memória efetuadas pelo eu-lírico dos poemas em interlocução com a decolonialidade, no sentido de reconstruir as representações do passado pela perspectiva dos sujeitos subalternizados historicamente. Como sustentação teórica, defino memória a partir de Paul Ricoeur. Ainda, discuto decolonialidade com base nos pressupostos de Walter Mignolo, Aníbal Quijano e Edward Said.

2.1 A crítica decolonial e a memória

No contexto da segunda metade do século XX, simultâneo aos movimentos de independência das colônias, quando finda a era dos grandes impérios, surgem perspectivas críticas para (re)pensar as dinâmicas sociais, históricas, culturais e artísticas dos países que, ao longo dos séculos precedentes, experimentaram a subjugação pelo poder colonial europeu. Nesse cenário, emerge a teoria pós-colonial que redimensiona a cultura em relação às estruturas de poder erigidas pela lógica colonialista.

Concomitantemente, surgem os estudos subalternos, inicialmente, como uma forma de revisão da história indiana reconsiderando as posições entre as elites e as classes subalternizadas. No Japão, de forma congênere, surge a crítica desocidentalizante como uma alternativa de leitura ao paradigma ocidental, sobretudo, europeu. E, em meio a esses movimentos de resposta ao colonialismo, surgem os estudos decoloniais, de modo especial na América Latina e Caribe, que visam à desconstrução das epistemologias com base eurocêntrica hegemônicas.

Walter Mignolo (2013), um dos precursores dos estudos decoloniais, entende que a colonialidade e a modernidade aproximam-se tendo em vista que esta não é um período histórico, mas uma autonarrativa europeia que a coloca como centro do mundo. A partir desse dimensionamento da Europa como centralidade, estabelecem-se as hierarquizações epistemológicas, alocando os saberes eurocêtricos em uma posição de centro, enquanto as epistemes e cosmovisões dos países colonizados são postas à margem.

Por essa estruturação emerge a “colonialidade do poder” que, segundo Mignolo (2010), é desdobrada no controle da economia, da autoridade, da natureza e seus recursos, do gênero e sexualidade, do conhecimento e das subjetividades. Desse modo, a colonialidade se manifesta por uma tripla dimensão: o poder, o saber e o ser. Tal tríade faz com que a decolonialidade, a partir da opção decolonial, questionem e problematizem as matrizes coloniais que fundamentam o pensar, o agir e o ser.

Dessa perspectiva, fundamenta-se a homogeneização da compreensão de ser, centralizada no homem, branco, burguês, heterossexual. Assim, as questões de raça, gênero e classe são imbricadas pela lógica do poder colonial hegemônico. De acordo com Aníbal Quijano (2000),

La colonialidad es uno de los elementos constitutivos y específicos del patrón mundial de poder capitalista. Se funda en la imposición de una clasificación racial/étnica de la población del mundo como piedra angular de dicho patrón de poder y opera en cada uno de los planos, ámbitos y dimensiones, materiales y subjetivas, de la existencia social cotidiana y a escala societal. Se origina y mundializa a partir de América (QUIJANO, 2000, p. 342)³.

Pelos termos do teórico peruano, o colonialismo e o capitalismo – motor do imperialismo e as formas contemporâneas de colonialidade – compartilham dessa matriz de poder. Essa padronização construída pelas dinâmicas de poder são colocadas em vistas de dominação, uma vez que ao homogeneizar as identidades, acentua-se a dominação dos corpos. Por esse contexto, compreendo a decolonialidade a partir de Mignolo (2008), entendendo que

significa ao mesmo tempo: a) desvelar a lógica da colonialidade e da reprodução da matriz colonial do poder (que, é claro, significa uma economia capitalista); e b) desconectar-se dos efeitos totalitários das subjetividades e categorias de pensamento ocidentais (por exemplo, o bem sucedido e progressivo sujeito e prisioneiro cego do consumismo) (MIGNOLO, 2008, p. 313).

Isto é, a postura decolonial implica em desvelar e desconstruir a lógica colonial de homogeneização e dominação. E, a partir dessa perspectiva, redimensionar as compreensões acerca do ser. Assim, conectando os dois elementos apontados pelo autor, em que as epistemologias impregnadas pela colonialidade direcionam a processos de subjetivação de

³ A colonialidade é um dos elementos constitutivos e específicos do padrão mundial de poder capitalista. Se funda na imposição de uma classificação racial/étnica da população do mundo como pedra angular do dito padrão de poder e opera em cada um dos planos, âmbitos e dimensões materiais e subjetivas, da existência social cotidiana e da escala social. Origina-se e mundializa-se a partir da América (tradução minha).

dominação manifestados, no mundo contemporâneo, pelos padrões de consumo impostos pelo capitalismo. Essa lógica colonial e imperialista a que me refiro é explicada por Edward Said, em *Cultura e Imperialismo* (2011), cujo entendimento aponta que

Nem o imperialismo, nem o colonialismo é um simples ato de acumulação e aquisição. Ambos são sustentados e talvez impelidos por potentes formações ideológicas que incluem a noção de que certos territórios e povos *precisam* e imploram pela dominação, bem como formas de conhecimento filiadas à dominação: o vocabulário da cultura imperial oitocentista clássica está repleto de palavras e conceitos como “raças” servis” ou “inferiores”, “povos subordinados”, “dependência”, “expansão” e “autoridade” (SAID, 2011, p. 43, grifos do autor).

Assim, as estruturas de poder coloniais fundamentam-se na ideia autocentrada de superioridade de um povo em detrimento do outro, este que precisa ser dominado. É essa retórica que fundamenta os discursos coloniais de que a colonização foi a salvação dos povos. Esse posicionamento manifesta-se tanto no colonialismo clássico, das expansões além-mar, quanto nas formas contemporâneas de colonização, que compreendem à dominação econômica, política e cultural dos chamados países de primeiro mundo em relação aos do terceiro. E são esses discursos e sistemas de representação que a crítica decolonial visa desconstruir.

Sendo, portanto, a decolonialidade uma perspectiva de reconstrução do capital simbólico que fundamenta a construção das identidades e dos discursos, faz-se necessário que a memória que baliza tais produções seja também redimensionada. Nesse sentido, entendo a memória a partir de Paul Ricoeur que, em *A memória, a história, o esquecimento*, aponta que “não temos nada melhor que a memória para significar que algo aconteceu, ocorreu, se passou *antes* que declarássemos nos lembrar dela” (RICOEUR, 2007, p. 40).

Assim, a memória é posta como um meio de significação do passado, que é trazido à tona no momento da rememoração. Ademais, tal procedimento de recuperação do passado é efetivado por meio de imagens: “*Dizemos indistintamente que nós representamos um acontecimento passado, ou que temos uma imagem, que pode ser quase visual ou auditiva*” (RICOEUR, 2007, p. 25, grifos do autor). Logo, a rememoração é a ressignificação do passado por meio de imagens projetadas à consciência do indivíduo, em um constante processo de reelaboração da matéria pretérita.

Por essa perspectiva é que a memória e a decolonialidade se imbricam, visto que as representações do passado, construídas na forma de imagens projetadas pelo discurso, precisam ser operadas a partir de uma postura decolonial. Isto é, propor uma abertura aos sistemas

representacionais que significam a experiência pretérita considerando a perspectiva das vozes silenciadas no curso da história.

Tal investida sobre a memória é necessária pelo fato de que o discurso memorialístico e histórico é erigido, nas sociedades colonizadas, pela perspectiva única do colonizador. Essa revisão do passado é, essencialmente, uma postura decolonizante, tendo em vista que ao voltar à experiência do colonizado, do subalterno, reavalia as cosmologias e epistemologias que orientam a compreensão sobre o pensamento, a ação e a subjetividade.

A literatura, nesse sentido, desempenha um papel de relevância, pois torna-se um espaço de resgate das vozes e experiências que sofreram tentativas de apagamento no decorrer da história. Desse modo, apresenta alternativas às compreensões de mundo e de ser atravessadas pela homogeneização colonialista.

2.2 As vozes da poética de Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito, nascida no estado de Minas Gerais em 1946, traça um itinerário da sua origem humilde até o seu reconhecimento como escritora. Ainda jovem, trabalhou como empregada doméstica e depois graduou-se em Letras, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalhou como professora da rede pública e galgou títulos acadêmicos, mestrado e doutorado, na área de Literatura. Conceição destaca-se como uma das grandes ficcionistas e, também, como intelectual que propõe interpretações sobre as agruras do Brasil contemporâneo por meio da sua crítica e da sua escrita literária. Conceição (2005) define o seu empreendimento de escrita como “escrevivência”, sendo que esta

Surge a fala de um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. [...] Pode-se dizer que os textos femininos negros, para além de um sentido estético, buscam semantizar um outro movimento, aquele que abriga toda as suas lutas. *Toma-se o lugar da escrita, como direito, assim como se toma o lugar da vida* (EVARISTO, 2005, p. 205-206, grifos da autora).

O termo composto pela justaposição de “escrita” e “vivência” significa essa projeção da experiência vivida pela mulher negra na escritura. Assim, trazendo a ideia de escrever a vivência desse grupo social subalternizado pelas estruturas de poder coloniais por meio da

escrita, espaço historicamente pertencente às elites. Desse modo, ao significar as experiências da mulher negra na escrita o silenciamento é rompido e, assim, ao ter lugar no campo escritural, toma também o seu espaço no mundo.

Dito isso, concentro-me na análise de alguns poemas de Conceição Evaristo focalizando nas vozes que emergem de sua poética, sobretudo, nas evocadas pela memória e a perspectiva decolonizante que vocalizam. O primeiro poema ao qual me dedico é “Recordar é preciso”⁴ que, desde o título, faz presente a figura memorialística.

Recordar é preciso

O mar vagueia onduloso sob os meus pensamentos

A memória bravia lança o leme:

Recordar é preciso.

O movimento vaivém nas águas-lembranças
dos meus marejados olhos transborda-me a vida,
salgando-me o rosto e o gosto.

Sou eternamente naufraga,

mas os fundos oceanos não me amedrontam
e nem me imobilizam.

Uma paixão profunda é a bóia que me emerge.

Sei que o mistério subsiste além das águas. (EVARISTO, 2019, s/p).

Desde o título do poema a memória é figurada ao indicar a necessidade de lembrar. Os três primeiros versos, enunciados pela voz feminina do eu-lírico, recorrem a uma imagística do mar: caminho cruel pelo qual os antepassados negros vieram da África. Assim, evocando uma memória atrelada à ancestralidade negra, dos traficados africanos. A memória, então, lança o leme, peça pela qual o navio é guiado, ou seja, é a memória que conduz de volta o eu-lírico ao passado e impera a necessidade dessa volta, a necessidade de recordar.

Os três versos que seguem vale-se de metáforas poéticas em que as lembranças são como as águas do mar: vem e vão na forma de ondas, significando a dialética entre o lembrar e o esquecer. Contudo, tais lembranças são salgadas, como a água dos oceanos, e banham o rosto, assim, comparando com as lágrimas que evocam a dor das reminiscências por tratarem-se de imagens do sofrimento e da violência do tráfico de escravos.

⁴ Os poemas aqui analisados integram ao livro *Poemas de recordação e outros movimentos*, contudo são capturados da seguinte referência: *Confira os 10 melhores poemas de Conceição Evaristo*. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2019/11/05/confira-os-10-melhores-poemas-de-conceicao-evaristo/>>. 2019. Acesso em 22/07/2020.

Nos próximo trio de versos, o eu-lírico diz ser eternamente naufraga e, de acordo com o que precede, estar naufraga significa viver nos limites entre o lembrar e o esquecer e as imagens que irrompem desse movimento não a assustam. Desse modo, lembrar o passado de violência é lutar contra o poder que o sustentava e, diante das constantes lutas, ele não pode mais amedrontar.

Os dois últimos versos, que finalizam o poema, o eu-lírico reconhece que nisso tudo um mistério, uma vez que nem tudo foi elucidado sobre a história da escravidão. Todavia, há algo nesse amálgama de histórias no qual o eu-lírico se sustenta nesse mar de lembranças.

No próximo poema, Conceição continua a desenvolver esse resgate de vozes de sua ancestralidade ressignificadas pela memória, no poema “Vozes-mulheres”:

Vozes-mulheres

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.
A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela. [...] (EVARISTO, 2019, s/p).

O eu-lírico traz à tona as vozes da bisavó atreladas aos porões dos navios negreiros, que fazia o transporte dos escravos; da avó em relação aos senhores brancos; da sua mãe nas cozinhas dos patrões rumo à favela. Aqui relaciona-se a memória e as vozes aos espaços ocupados pelos sujeitos que elas remetem: o navio negreiro, as fazendas, a favela. Assim, delineando o rumo do negro na história iniciado com o tráfico da África dessa população desterritorializada, arrancada da sua cultura e do seu lugar, para ser explorado em outro; em seguida, a vida do escravo nascido no Brasil, que já nascia pertencente a um senhor; e, por último, a sina dos descendentes de escravos alocados nas favelas.

Em seguida, o eu-lírico situa a sua própria voz e a voz da sua filha:

[...] A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue

e
fome.
A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
o eco da vida-liberdade. (EVARISTO, 2019, s/p).

Assim, o eu-lírico que representa o presente, é a união de todas essas vozes do passado, essas vozes silenciadas pela história que ecoam por meio da memória vocalizada por essa voz do presente. Em versos metalinguísticos, “ecoa versos perplexos / com rimas de sangue / e / fome”, o eu-lírico situa de que perspectiva enuncia esses versos, que é a dos sobreviventes do massacre colonial, que tem a sua experiência significada por sangue e fome que remetem à violência e às desigualdades sociais da comunidade negra. E, em meio a isso, projeta na voz da filha, que enunciará no futuro, a esperança da liberdade, em que os seus estarão livres das opressões de raça e sexo.

Pelos versos do poema, transpassam-se diferentes temporalidades trazidas pelas vozes resgatadas: o passado na voz das antepassadas, o presente na sua voz e o futuro na voz da filha. Desse modo, construindo os sentidos do poema pela memória e pela ancestralidade em que a relação ancestral das “vozes-mulheres” que enunciam conectam as diferentes perspectivas da História.

O terceiro poema que trago é “Certidão de óbito”:

Certidão de óbito
Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.
Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.
A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.
A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros. (EVARISTO, 2019, s/p).

O título do poema deixa claro do que se trata: a morte, mais especificamente, o genocídio negro da escravidão colonial até nossos dias. O eu-lírico ressignifica o massacre orquestrado pelos senhores durante a escravatura e pelos comerciantes de escravos na captura e traslado e os conecta ao genocídio negro na atualidade na forma das “balas perdidas”, como é colocado pela versão oficial.

Pelo operativo poético rompe-se a linha da história da escravatura com a história contemporânea evidenciando que desvela como o corpo negro é visto pelas estruturas de poder construídas pela lógica colonial: algo a ser explorado e destruído. Isso que é colocado de forma explícita no poema pelos “ossos de nossos antepassados / colhem as nossas perenes lágrimas / pelos mortos de hoje”. Aqui, novamente a “dolorida memória” da ancestralidade é evocada para lançar luz ao presente.

A imagem poética da morte é construída no poema pelos signos evocados: os ossos, as valas, as balas. Essa imagística desvela a violência histórica e estrutural que acomete a população negra desde os navios negreiros até os dias de hoje.

Os três poemas de Conceição, compostos em versos livres, afastados da métrica tradicional, dão forma a essa vivência da mulher negra permeada pelos signos da violência, desde os seus antepassados até os seus de agora, mortos pelas engrenagens de um sistema estruturalmente racista e colonial. Ao descortinar esse cenário emerge uma perspectiva de resistência ao poder e aos discursos oficialmente instituídos que negligenciam e, além disso, mantém esse cenário de massacre da população negra.

O jogo operado pela poética de Conceição, nesse sentido, é atravessado pelo tempo na forma da história e da memória. Da história porque resgata a violência histórica da escravidão e do tráfico de escravos sustentados pelo poder colonial. E, da memória, porque evoca a sua ancestralidade que influencia na subjetivação, ou seja, na forma como o eu-lírico se vê como sujeito e as relações que estabelece com os seus antepassados.

O crítico mexicano Octavio Paz (2012), em *O arco e a lira*, defende que há uma relação inegável entre os signos da poesia e a história, uma vez que o poético é inseparável das manifestações históricas e sociais. Ainda, é histórico porque pertence a um povo e ao seu momento de fala e, ainda, o poema e a comunidade se alimentam mutuamente, pois “sem palavra poética tampouco há sociedade” (2012, p. 192).

Desse modo, a poesia opera em uma via de mão dupla: ao passo que reinterpreta o passado a partir do olhar contemporâneo, lança novos sentidos às dinâmicas sociais da atualidade ao conectá-las ao pretérito. Como afirma Edward Said, “a invocação do passado constitui uma das categorias mais comuns nas interpretações do presente” (2011, p. 34).

Por essa perspectiva, a poética de Conceição Evaristo sustenta-se pela memória e o resgate das vozes da sua ancestralidade. Essa operação efetuada pela escrevivência é uma expressão de decolonialidade, pois desconstrói as epistemologias da história acerca do passado construídas pelas estruturas coloniais de poder e enuncia um discurso que ressignifica o pensar, o agir e o ser pelo viés das vítimas do massacre escravocrata colonialista.

Said entende que “a descolonização é uma complexíssima batalha sobre o rumo de diferentes destinos políticos, diferentes histórias e geografias, e está repleta de obras de imaginação, erudição e contraerudição” (2011, p. 343). Assim erige-se a poética da autora, redimensionando o capital simbólico que fundamenta o imaginário e as narrativas dos processos de formação social, histórica, política e cultural do país colonizado.

Considerações finais

Sem dúvida, a perspectiva decolonial é uma das tendências que mais se destacam no cenário da crítica contemporânea. Esse viés faz-se necessário para que haja um redimensionamento das epistemologias e cosmologias impostas aos países colonizados pelas investidas coloniais e imperialistas. Trazendo, nesse sentido, um diálogo profícuo entre a arte, a cultura, o conhecimento e a política. E, desse modo, alavancando novas compreensões sobre o pensamento, a ação e as formas de nos constituirmos como sujeitos.

Na Literatura Brasileira contemporânea a voz de Conceição Evaristo projeta novos sentidos para a história e para as dinâmicas sociais da atualidade ao enunciar um discurso pautado pela experiência da mulher negra. Pelos poemas analisados, observo que as figurações da memória e o resgate de vozes historicamente silenciadas situam-se no centro da sua poética e, desse modo, faz emergir uma perspectiva decolonial no âmago da produção literária atual.

Referências

Confira os 10 melhores poemas de Conceição Evaristo. Disponível em: <<http://notaterapia.com.br/2019/11/05/confira-os-10-melhores-poemas-de-conceicao-evaristo/>>. 2019. Acesso em 22/07/2020.

EVARISTO, Conceição. Gênero e etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: MOREIRA, Nadilza Martins de Barros; SCHNEIDER, Liane (Orgs.). *Mulheres no mundo: etnia, marginalidade e diáspora*. João Pessoa: Ideia, 2005. p. 201-212.

EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Nandyala, 2008.

MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade*, n.34, p.287-324, 2008. Disponível em: <www.uff.br/cadernosdeletrasuff/34/traducao.pdf>. Acesso em: 26/07/2020.

MIGNOLO, Walter. Decolonialidade como o caminho para a cooperação. [Entrevista concedida a Luciano Gallas]. Trad. André Langer. *Revista do Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, ed. 431, 2019. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/5253-walter-mignolo>>. Acesso em 26/07/2020.

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman e Paulina Wachr. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

QUIJANO, Aníbal (2000). "Colonialidad del poder y clasificación social". *Journal of world-systems research*, v. 11, n. 2, p. 342-386. Disponível em: <<http://www.ramwan.net/restrepo/poscolonial/9.2.colonialidad%20del%20poder%20y%20clasificacion%20social-quijano.pdf>>. Acesso em: 26/07/2020.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Trad. Alain François [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

VIVIAN, Ilse MR. O inventário das coisas ausentes: memória, diáspora e descolonização na literatura brasileira contemporânea. *ANTARES: Letras e Humanidades*, v. 11, n. 22, p. 58-71, 2019.